

# tradução

## METAFÍSICA SÉTIMO TRATADO

Avicena<sup>1</sup>

Ana Paula Batista<sup>2</sup>

### **I. Capítulo referente aos atributos da unidade, que é a identidade e suas divisões, aos atributos da multiplicidade, que é a diversidade e a diferença, e aos tipos de oposições conhecidas**

#### 1. Introdução

##### 1.1. Recapitulação

Parece que estamos chegando ao fim da discussão no que diz respeito ao nosso objetivo aqui, das coisas que são próprias do ente enquanto ente ou do que lhe é aferente.

##### 1.2. Equivalência predicativa e diferença conceitual entre “existente” e “uno”

Mas “uno” e “existente” são equivalentes no predicar-se das coisas, de modo tal que, tudo o que é dito “existente” por uma causa pode ser chamado “uno” por outra causa e cada coisa possui uma existência unitária. Portanto, às vezes, se crê que o conceito deles seja igual, mas

---

<sup>1</sup> AVICENNA. Settimo trattato. In: Libro della Guarigione. Le cose divine. A cura di Amos Bertolacci. Torino: Utet libreria, 2008, p. 275-611.

<sup>2</sup> Graduanda em filosofia na Unesp Marília, Mestranda em Filosofia na Unifesp. Email de contato: [anapguanumbi@gmail.com](mailto:anapguanumbi@gmail.com).

não é assim. Eles, ao contrário, são idênticos quanto ao objeto, no sentido de que tudo o que vem caracterizado pelo primeiro (o uno), vem caracterizado também pelo segundo (o existente).

Se o conceito de “uno” fosse, em todos os sentidos, o conceito de “existente”, o múltiplo, enquanto múltiplo, não seria um existente, assim como não é uno (embora aconteça também de ser uno: se diz, de fato, que a multiplicidade é uma multiplicidade, mas não enquanto multiplicidade).

### 1.3. À metafísica aguarda o estudo da propriedade do uno e do múltiplo

É oportuno, então, discutir também sobre as coisas que são próprias da unidade e sobre o que lhe é oposto (isto é, a multiplicidade), a saber, a identidade, a homogeneidade, a concordância, a igualdade, a semelhança e as coisas opostas a estas. O discurso sobre o lado oposto é mais longo porque a unidade é uniforme, enquanto o que lhe é contrário é multiforme e articulado.

## 2. A identidade e suas divisões

O idêntico se tem quando ao que é múltiplo em determinado aspecto vem atribuída a unidade em outro aspecto.

Ao idêntico pertence o idêntico por acidente, que é o correspondente do uno [A<sub>304</sub>] por acidente; como naquele caso se diz “uno”, assim, neste caso se diz “idêntico”. O que é idêntico a qualquer outra coisa referente à qualidade é chamado de similar, o que é idêntico a qualquer outra coisa no que diz respeito à relação se diz “comparável”.

O idêntico por si existe nas coisas que constituem a essência. O que é idêntico no que diz

respeito ao gênero é chamado “homogêneo”, o que é idêntico no que diz respeito à espécie é chamado “conforme”.

Também, o que é idêntico quanto à propriedade é chamado de “congruente”.

### **3. A diversidade, a alteridade e a diferença**

As coisas opostas a estas são conhecidas graças ao conhecimento destas.

O oposto ao idêntico em absoluto é o diverso. Ao diverso pertence o que é diverso de qualquer outra coisa no que diz respeito ao gênero, o que é diverso de qualquer outra coisa no que diz respeito à espécie (o qual, enquanto tal, è diferente de qualquer outra coisa pela diferença específica) e o que é diverso de qualquer outra coisa por acidente. O diverso por acidente pode ser uma mesma coisa que seja diferente de si mesma em dois aspectos distintos.

“Outro” é um nome próprio, por convenção, do que é diferente de qualquer outra coisa pelo número.

O diverso se distingue do diferente, porque o diferente difere em qualquer coisa, enquanto o diverso, por vezes, é diverso por si. O diferente é mais particular do que o diverso; bem como o “outro” é mais particular do que o diverso.

### **4. Definição da relação de oposição e distinção dos seus vários tipos**

O mesmo fato de ser diversa uma da outra pelo gênero supremo, não impede as coisas, diversas umas das outras pelo gênero supremo, se são materiais, de compartilhar uma mesma matéria. As coisas, ao invés, diversas umas das outras que se diferenciam pela espécie subjacentes aos gêneros próximos, inferiores aos gêneros supremos, não podem, absolutamente, compartilhar um mesmo sujeito. Todas as coisas que não compartilham um mesmo sujeito, segundo um mesmo sentido e ao mesmo tempo, são ditas opostas.

Você já aprendeu em lógica o número dos opostos e suas propriedades. Entre eles, a posse e a privação caem, de certa forma, sob a contradição, enquanto os contrários caem, de certa forma, sob a privação e a posse. Mas o modo pelo qual a privação cai sob a negação é diverso do modo em que o contrário cai sob a privação.

## **5. A posse e a privação**

### 5.1 Os vários tipos de privação

Deve saber, pois, que a privação se diz de muitos modos. Esta se diz, de fato, do que é tal a poder pertencer a um existente, mas que, de fato, não lhe pertence, porque, de fato, não é tal a pertencê-lo, embora seja tal a pertencer a outra coisa. [A<sub>305</sub>] Um exemplo é a vista: essa, de fato, é aquela que pertence a qualquer coisa, mas a parede não vai possuí-la.

Esta se diz do que pertence ao gênero de qualquer outra coisa, mas que não pertence à coisa em questão, nem é tal a pertencer-lhe, seja se tratando do gênero próximo, seja se tratando do gênero distante.

Esta se diz do que pertence à espécie de qualquer coisa, mas não pertence a cada indivíduo desta espécie, como a feminidade.

Esta se diz do que pertence a qualquer coisa, mas que, de fato, não lhe pertence em absoluto ou no tempo estabelecido: ou porque o tempo estabelecido ainda não chegou, como o imaturo, ou porque o tempo estabelecido já foi transcorrido, como o desdentado.

O primeiro tipo de privação corresponde estritamente à negação, enquanto os outros modos se diferenciam.

É chamada de privação cada perda que se deve à coação.

Privação, enfim, se diz do que faz com que algo perca sua perfeição. Não se diz, de fato, que o caolho é um cego, mas nem mesmo que tem uma visão absoluta. Mas isto sucede só

relativamente ao sujeito afastado, que é o homem, não ao olho.

## 5.2. Relação da privação com a contradição e a contrariedade

A negação, também, se predica da privação, mas não vice e versa.

A privação não se predica do contrário. A amargura, de fato, não é somente a privação da doçura, mas é outra coisa além desta. A privação, de fato, às vezes se encontra só na matéria; às vezes, ao contrário, é unida a qualquer coisa que determina, na matéria, a privação de qualquer outra coisa, ou que não existe se não por meio da privação de qualquer outra coisa; estes últimos são os contrários.

## 6. A contrariedade

### 6.1. Os contrários compartilham o mesmo gênero e se diferem pela espécie

A causa da oposição dos contrários não é a diversidade dos gêneros, como havíamos já esclarecido. A causa disto, ao invés, é o fato de que os próprios contrários, por si e em virtude de suas diferenças específicas, não podem coexistir e se anulam mutuamente. [A<sub>306</sub>]

Porque nenhum dos gêneros principais é contrário a um outro, é necessário que os verdadeiros contrários caiam sob um gênero e que seus gêneros sejam únicos. É necessário, portanto, que os contrários se diferenciem um do outro graças às diferenças específicas e retornem ao âmbito do que é diverso quanto à forma. A negritude e a brancura, por exemplo, caem sob o gênero cor, enquanto a doçura e a amargura sob o gênero sabor.

### 6.2. Crítica de algumas opiniões referentes aos contrários

#### 6.2.1. O bem e o mal não são gêneros supremos

O bem e o mal não são os verdadeiros gêneros supremos, e nem um, nem outro indica uma noção unívoca, embora, de uma determinada maneira, o mal indica em cada coisa, a não existência da perfeição que lhe pertence, e o bem, a sua existência. Entre estes, portanto, existe a diferença dada da não existência e da existência. O prazer, a dor e coisas similares se reúnem em um gênero diverso daquele do bem e do mal: eles, de fato, se reúnem no que é percebido, no que é imaginado e assim por diante, e não são espécies do bem e do mal.

### 6.2.2. A concordância e a discordância não são gêneros supremos

Parece que os amantes do questionamento superficial são direcionados às coisas que são contrárias entre si e possuem os gêneros próximos aos quais fazem parte, alguns dos quais concordam com a percepção ou o intelecto, enquanto outros discordam com qualquer um destes, e nem temos inferido a noção de “concordante” e a de “discordante”, colocando a primeira como gênero do primeiro grupo de coisas, a segunda como gênero do segundo.

Mas não é necessário que seja assim. A concordância e a discordância, ademais, significam o mesmo que os concomitantes inseparáveis significam, porque não pertencem às coisas enquanto tais, mas por relação.

Também, se as realidades concordantes e discordantes são colocadas como duas naturezas, possuem coisas que podem ser consideradas como seus gêneros de acordo com pontos de vista diferentes. Isto, de fato, sob certo aspecto entra no mesmo grupo das ações e das afeições, sobre outro aspecto, no mesmo da qualidade, sobre outro aspecto, no mesmo das relações: na medida em que [A<sub>307</sub>] surgem de certas coisas, de fato são ações; mas, na medida em que se realizam a partir de algumas outras coisas, são afeições; na medida em que se realizam a partir das disposições estáveis em seus portadores, caem entre a qualidade; na medida em que isto é concordante com respeito àquela com a qual está de acordo, está entre as relações. Quando os nomes “concordância” e “discordância” vêm orientados para uma destas noções enquanto tais, esses entram no gênero que é próprio deles. Não digo que uma única coisa entra em gêneros

diversos; isto, de fato, o excluimos. Digo, ao invés, que cada consideração acima referida é uma coisa diversa e entra em um gênero diverso. Não se trata de gêneros verdadeiros e próprios, mas de qualquer coisa análoga aos gêneros, tratando-se de realidades compostas de uma certa coisa e de uma ação, ou de uma certa coisa e de uma afeição, ou de uma certa coisa e de uma relação e assim sucessivamente. Parece que, em si, são qualidades, e que as outras considerações lhe acompanham inseparavelmente.

Além disso, apesar de todo o esforço para traçar a concordância e a discordância das coisas que lhes suportam e de elevar à categoria de gêneros superiores, aquelas naturezas contrárias que são consideradas duas naturezas distintas da parte dos filósofos em questão, possuem os verdadeiros gêneros dos quais fazem parte, que não são a concordância e a discordância. Você já aprendeu isto no devido lugar.

### 6.2.3. A coragem e a temeridade não pertencem por si a dois gêneros contrários

Até mesmo a alegação de que os dois contrários, por exemplo, a coragem e a temeridade, se encontram em dois gêneros contrários pode ser discutida longamente. A coragem, de fato, por si, é uma qualidade e, de certo ponto de vista, uma virtude. Analogamente, a temeridade por si é uma qualidade e, de certo ponto de vista, um vício. A virtude e o vício, então, não são os gêneros destas qualidades (como também o bom e o não bom não são os gêneros dos odores e dos sabores), mas são seus concomitantes inseparáveis, segundo pontos de vista que os concernem extrinsecamente.

A coragem, pois, por si só não é o contrário nem da temeridade e nem da covardia. Contrários são somente a temeridade e a covardia, que, entre as qualidades, entram no âmbito da posse. A coragem, ao contrário, se contrapõe à não coragem, como temos dito a propósito do igual [A<sub>308</sub>] e daquilo a que se contrapõe. A não coragem, também, é como o gênero da temeridade e da covardia. Se a coragem é o contrário da temeridade, não o é em virtude da

sua própria natureza, mas só por causa de um acidente que se insere nela, que é o fato de que a coragem é louvável, é uma virtude e é útil, enquanto a temeridade é reprovável, é um vício e é prejudicial.

6.3. A contrariedade e a diferença máxima entre os opostos que compartilham o mesmo gênero e o mesmo sujeito

Os verdadeiros contrários são aqueles que compartilham no mesmo gênero e no mesmo sujeito.

[(a)] Em alguns destes, o sujeito único acolhe ambos os contrários em sucessão, sem transformar-se em qualquer coisa diferente destes. [(b)] Em outros, o sujeito deve, primeiramente, transformar-se em qualquer coisa de diverso dos dois contrários, de modo que um desses lhes seja inerente depois do outro. [(b)] Graças a uma certa mistura, por exemplo, uma coisa é doce, mas quando se torna amarga, há a necessidade de uma outra mistura. [(a)] Não acontece assim quando o que é quente se transforma no que é frio.

Do momento que os dois contrários se encontram no mesmo gênero, ou [(a)] a privação de um deles na natureza do gênero é seguida necessariamente só da presença do outro, em cujo caso entre eles não há nenhum meio, ou [(b)] não.

[(b)] Neste último caso, das duas coisas uma: ou [(ba)] a diferença desta multiplicidade de elementos relacionados a um dos dois contrários é uma diferença única, sem que nenhum deles diferencie mais ou menos com relação a isso quanto o fazem os outros; ou [(bb)] é uma diferença não uniforme.

Se [(bb)] é uma diferença não uniforme, um dos elementos é mais semelhante ao primeiro contrário (e o que lhe é mais semelhante contém algo de sua forma), enquanto um outro é maximamente diferente dele. Este último é o segundo contrário.

A contrariedade, portanto, é a diferença máxima entre os opostos que concordam no



mesmo gênero e na mesma matéria. É possível, de fato, falar de diferença máxima, seja quando há uma média, seja quando não há. Se os opostos são unicamente dois, cada um dos quais está na distância máxima com relação ao outro, a contrariedade é uma diferença perfeita.

#### 6.4. Unicidade do contrário de qualquer coisa

Por este motivo, o contrário de qualquer coisa é único.

Se alguém pensa que a diferença e a distância máxima ocorrem entre uma coisa e outras duas coisas diferentes entre si, pensa algo impossível. A diferença entre a primeira coisa e as outras duas, de fato, ou [(a)] diz respeito a uma única realidade [A<sub>309</sub>] sobre um único aspecto, em cujo caso as [duas] coisas que se diferenciam com relação uma outra, sobre um único aspecto, concordam na forma da diferença e são uma única espécie, não espécies múltiplas. [(b)] Ou diz respeito a mais aspectos, em cada caso se tem mais modos de contrariedade e não um único modo. O que não acontece por causa da diferença específica, a qual, unindo-se ao gênero, constitui aquela espécie imediatamente, sobretudo nas coisas simples, como sabe; isto acontece, no entanto, por causa dos atributos e dos estados que acompanham inseparavelmente a espécie. Mas nós falamos de um único tipo de contrariedade e da contrariedade que é por si.

Torna-se claro, assim, que o contrário de uma única coisa é único.

#### 6.5. Os termos intermediários entre os contrários. A contradição e a posse e a privação não possuem termos intermédios

O médio real entre os contrários é aquele que, embora seja diferente destes, é também similar a estes. É necessário, portanto, que no processo de mudança de um contrário para o outro se passe primeiro por ele. Por este motivo que o que é preto se torna cinza, ou verde, ou vermelho antes de se tornar branco.

Acontece que os contrários obtiveram os médios por negação dos dois extremos. Às vezes, isto acontece porque o médio é privado de nome: com isso se entende um médio real, como se usássemos a expressão “não quente e não frio”, se o morno não tivesse nenhum nome. Se, ao contrário, sobressaísse do gênero, como quando se diz “não leve e não pesado”, não se trata de um médio real e próprio, mas somente de um médio no modo de dizer.

A posse e a privação, no entanto, não possuem nenhum médio no sujeito. Estas, de fato, são a afirmação e a negação mesmo quando são próprias de um gênero e de um sujeito e são relativas, mesmo em um momento e em um estado. A relação de posse e de privação com aquela coisa e aquele estado, então, é a mesma relação que os dois contraditórios possuem com toda a existência. Uma vez que não há nenhum médio entre os dois contraditórios, analogamente, não há nenhum médio entre a privação e a posse. [A<sub>310</sub>]

## **II. Capítulo referente ao relatório particularizado das doutrinas dos sábios antigos a propósito das ideias e dos entes matemáticos e da causa que lhes induziu a apoiar isto; esclarecimento da razão última da ignorância que lhe tem ocorrido, motivo pelo qual erraram**

### **1. Introdução**

Chegou o momento de dedicar-se a refutar algumas opiniões que têm sido expressadas a propósito das formas ideais, dos entes matemáticos, dos princípios separados e dos universais, e que diferem dos princípios fundamentais que temos determinado. Embora na verdade do que temos dito e nas regras que temos proposto haja uma sugestão, para quem é inteligente, para a solução de todas as dificuldades que eles avançam e a destruição e refutação de suas doutrinas, assumimos, todavia, esta tarefa, invocando a ajuda de Deus, porque esperamos que por este provenha as noções úteis que mencionaremos enquanto os contrariamos e que podem ter se perdido no que temos dito e explicado anteriormente.

## 2. Doutrina dos filósofos antigos sobre as ideias e os entes matemáticos

### 2.1. As fases de desenvolvimento da filosofia pré-aristotélica

Dizemos que cada disciplina possui uma fase inicial de desenvolvimento na qual é impura e imatura; depois de um pouco de tempo, contudo, madura; em seguida, depois de um pouco mais de tempo, cresce e alcança a perfeição.

A filosofia, portanto, no primeiro período no qual os gregos se ocupavam dela, era retórica; depois mesclaram o sofisma e a discussão dialética. A primeira de suas partes que chegou às pessoas comuns foi àquela concernente à ciência da natureza, então começaram a voltar a atenção à ciência matemática, finalmente à ciência divina. Mas, a sua passagem de uma parte à outra não se realizou corretamente, e assim que passaram do sensível ao inteligível ficaram confusos.

### 2.2. Os defensores das ideias como realidades separadas: Sócrates e Platão

Um grupo de filósofos, de fato, sustentam que a divisão solicita a existência de duas coisas em cada [A<sub>311</sub>] coisa, por exemplo, a existência de dois homens na noção de humanidade: um homem corruptível e sensível, e um homem inteligível, separado, eterno e imutável. Postularam que cada um dos dois homens possuía uma existência própria, e chamaram a existência separada de existência ideal. Defenderam que cada uma das coisas naturais possuía uma forma separada que era a sua forma inteligível: essa é a forma que o intelecto adquire, dado que o inteligível é algo de incorruptível, enquanto cada coisa sensível entre as deste mundo é corruptível. Postularam que as ciências e as demonstrações eram da mesma natureza do inteligível e o assumiram como objeto.

O filósofo conhecido como Platão e o seu mestre Sócrates excedem todos os outros nesta opinião. Eles dizem que a humanidade é uma noção única e existente, da qual os indivíduos

humanos participam e que persiste apesar do desaparecimento destes. Não se trata da noção sensível, múltipla e corruptível; se trata, então, da noção inteligível e separada.

### 2.3. Os adeptos dos entes matemáticos como realidades separadas

Um grupo de outros filósofos pensou, ao invés, que a separação fosse própria, não desta forma ideal, mas dos princípios desta. Afirmaram que os entes matemáticos, sendo separados na definição, mereciam a separação na existência e que aquelas formas naturais que não são separadas na definição não eram separadas por si. Propuseram que as formas naturais se geravam somente graças à união das formas matemáticas acima citadas, com a matéria: a concavidade, por exemplo, é uma noção matemática, mas, quando se une à matéria torna-se pontiaguda e torna-se uma noção natural. A concavidade, enquanto matemática é susceptível de ser separada, apesar de não ser, enquanto natural.

#### 2.3.1. Causa que tem induzido Platão a considerar as ideais, não os entes matemáticos, como realidades separadas

Platão, ao invés, era mais inclinado a afirmar que as formas ideais fossem separadas. Os entes matemáticos, segundo ele, são realidades intermediárias entre as formas ideais e as coisas materiais.

Embora, de fato, os entes matemáticos são separados na definição, nenhuma dimensão, segundo ele, pode subsistir fora da matéria. Uma dimensão assim, de fato, ou [(a)] é finita ou [(b)] infinita. [(b)] Se é infinita, o [(ba)] que [A<sub>312</sub>] é uma consequência do simples fato de que esta é uma certa natureza, em tal caso, cada dimensão será infinita. [(bb)] Se, ao invés, é uma consequência do fato de que esta é abstraída da matéria, em tal caso, será a matéria a conferir a esta a delimitação e a forma. Mas ambos os casos são impossíveis. A existência de uma

dimensão infinita, portanto, é impossível. [(a)] Se, ao contrário, a dimensão é finita, em tal caso, o fato de que esta seja incluída em um limite definido e em uma forma determinada acontece somente graças à ação que esta sofre da parte de um acidente externo, não graças à sua própria natureza. Mas a forma não pode sofrer uma ação se não da parte da sua matéria. Esta, então, será separada e não separada ao mesmo tempo. Mas isto é impossível. É necessário, portanto, que a dimensão seja intermediária entre as formas ideais e as coisas separadas.

#### 2.5. Causa que tem levado o segundo grupo de filósofos a considerar os entes matemáticos como separados

Os outros, ao invés, pensavam que os princípios das realidades naturais fossem realidade matemática, eles consideravam as verdadeiras realidades inteligíveis e as verdadeiras realidades separadas.

Diziam que, quando se abstraem os estados corpóreos da matéria, não resta a não ser volumes, figura e números. Entre as nove categorias, de fato, as qualidades passivas e as afeições, as posses, a potência e a impotência são realidades que pertencem ao que tem afeições, posses e potências; a relação depende das coisas similares a esta, e é também material; permanecem o onde, que tem caráter quantitativo, o quando, que tem caráter quantitativo, e a posição, que tem caráter quantitativo; a ação e a afeição, no entanto, são materiais. Do que resulta que tudo o que não é quantitativo depende da matéria. Mas o princípio do que depende da matéria não depende da matéria. Os entes matemáticos, então, são os princípios. Estes são os verdadeiros entes inteligíveis, enquanto as outras coisas não são inteligíveis. Portanto, nenhum pode definir as cores, o justo e coisas deste gênero com uma definição digna de consideração: se trata somente de estabelecer uma relação da coisa a definir com uma potência perceptiva. Segundo eles o intelecto não compreende estas coisas, que não são entes matemáticos, e é somente a imaginação que o descreve, seguindo a sensação. Diziam que os números, as extensões e suas disposições, ao invés, são inteligíveis por si e que, portanto, são

as únicas coisas separadas.

## 2.6. Outras posições sobre os entes matemáticos

### 2.6.1. Os pitagóricos

Um grupo de filósofos defendia que os entes matemáticos fossem princípios, mas não os consideravam separados; se trata dos discípulos de Pitágoras. Esses pensavam que cada coisa fosse composta da unidade e da díade. Colocavam a unidade da parte do bem e da estreiteza, a díade da parte do mal e da não limitação. [A<sub>313</sub>]

### 2.6.2. Outros dois grupos de filósofos

Outro grupo de filósofos assumia como princípio o que excede, o que falta e o que é igual. Estes colocavam o igual no lugar da *hyle*, porque do igual deriva a pré-disposição nos dois extremos. Um grupo ulterior, ao invés, colocava o igual na posição da forma, porque a forma é determinada e delimitada, enquanto que o que excede e o que falta não possui nenhum limite.

## 2.7. Várias opiniões a respeito dos entes matemáticos como princípios

### 2.7.1. Duas opiniões a propósito da relação entre números e extensões

Também, os defensores dos entes matemáticos como princípios divergiam no que diz respeito à composição de todas as outras coisas a partir disto. [(a)] Alguns sustentavam que o número fosse o princípio da extensão, e compunham a linha a partir das duas unidades, e a superfície a partir de quatro unidades. [(b)] Outros atribuíam a qualquer um dos dois um âmbito separado.

### 2.7.2 A opinião amplamente difundida sobre a composição dos números

A maioria era da opinião de que o número fosse o princípio, que a unidade fosse o princípio primeiro e que a unidade e o ser se acompanhariam inseparavelmente ou fossem sinônimos.

Estes compunham o número e previam a sua origem a partir da unidade em três modos diferentes: [(a)] o primeiro é o modo do número numérico; [(b)] o segundo é o modo do número matemático; [(c)] o terceiro é o modo da repetição.

[(a)] No que diz respeito ao modo do número numérico, instauraram a unidade ao início da série, depois a díade, depois a tríade.

[(b)] No que diz respeito ao modo do número matemático, colocaram a unidade como princípio, depois o segundo número, depois o terceiro número, compondo a cada vez o número segundo a continuidade de uma unidade com uma outra.

[(c)] No que diz respeito ao terceiro modo, pensavam que o número se originasse da repetição de uma mesma unidade, sem anexar a esta nenhuma outra unidade.

### 2.7.3 A opinião de alguns pitagóricos sobre a composição dos números e suas ligações com as formas das coisas

[(a)] É surpreendente que uma facção pitagórica acredita que o número seja composto de uma unidade e de uma substância. A unidade, de fato, não subsiste só, sendo a unidade de qualquer coisa, e o seu recipiente é uma substância. Se há, portanto, a composição da unidade com a substância, por consequência, tem lugar a multiplicidade.

[(b)] Entre eles há aqueles que para cada grau matemático do número coloca uma forma correspondente a uma forma  $[A_{314}]$  existente, assim que, quando o grau numérico em questão

é abstraído da matéria, é um simples grau numérico, enquanto, quando é mesclado com a matéria, é a forma de um homem ou de um cavalo. O que acontece pelo motivo que temos indicado anteriormente.

### 2.7.4. Duas opiniões sobre a relação entre os números e a ideia

Um grupo de filósofos pensa que entre estas formas numéricas e as ideias existe uma separação. Entre eles há os que sustentam que as formas numéricas são intermediárias, como tem sido dito anteriormente.

### 2.7.5. A opinião dos Pitagóricos sobre os números como princípios

A maior parte dos Pitagóricos pensa que o número matemático seja o princípio, sem que, todavia, seja separado. Entre estes há os que admitem que as formas geométricas sejam compostas das unidades numéricas e excluem, conseqüentemente, que as extensões possam ser reduzida pela metade. Outros, ao contrário, não veem nenhum inconveniente no fato de que os entes matemáticos sejam, ao mesmo tempo, composto de números e entendem eles, depois da composição, que são divididos ao infinito. Outros ainda acreditam que as formas aritméticas são distintas das geométricas.

## **3. As razões últimas de seus erros, com particular referência aos adeptos das**

### 3.1. Primeira causa de erro: confusão entre abstração mental e separação real

Se refletir, achará que as causas fundamentais pelas quais este grupo de filósofos erraram, são cinco.

A primeira é ter acreditado que, se uma coisa vem separada de uma outra, de modo que



não faz parte da consideração desta outra coisa, esta é separada da outra coisa na existência. É como se, quando se considera uma coisa à qual se juntou uma outra, por si, sem considerar também a outra coisa, esta vem desconectada da outra coisa; em geral, é como se, quando é examinada, independentemente da condição de que esta esteja unida à outra, se pensasse em examina-la na condição em que esta não esteja unida à outra, com a consequência de que seria possível examina-la só porque esta não é unida, na verdade, é separada da outra. Portanto, acredita-se que quando o intelecto aprende os inteligíveis existentes no mundo sem voltar a atenção ao que é unido a estes, este não aprende, a não ser, os inteligíveis que são separados.

Mas não é assim. Cada coisa, ao contrário, como tal, vem considerada de um certo modo; na medida em que, em vez disso, é permitida com uma outra coisa, vem considerada de um outro modo. Quando, por exemplo, nos referimos à forma do homem enquanto simples forma do homem, nos referimos a uma coisa que existe só enquanto tal; mas, enquanto a conhecemos deste modo, não é necessário que esta exista só e seja separada. [A<sub>315</sub>] O que é misturado com qualquer outra coisa enquanto tal, de fato, é não-unido a esta segundo o modo da negação, não segundo o modo do abandono, com o qual se pretende a separação na subsistência. Graças à percepção ou outro estado psíquico, de fato, não é difícil entender uma só das duas coisas, a qual não pode ser separada da outra na subsistência, embora possa sê-lo na definição, na noção e na essência. A sua essência, de fato, não está incluída na essência da outra, pois o fato de que esta esteja junto à outra envolve a união com a outra, não a inclusão da sua noção na noção da outra.

### 3.2. Segunda causa de erro: concepção errônea da unidade da forma dos indivíduos pertencentes à mesma espécie

A segunda causa são seus erros a respeito do uno. De fato, quando dizemos que a humanidade é uma noção única, não queremos dizer que esta seja uma noção única de número que, por si, se encontra em muitas coisas, e que, portanto, é múltiplice por relação, como um único pai é tal em comparação a muitos filhos. A situação é aquela em que os pais distintos

estão em relação a filhos distintos. Temos discutido profundamente este tema acima. Eles não sabem que, quando dizemos que a noção de muitas coisas é única, queremos dizer que qualquer um de seus conceitos é imaginado chegar primeiro a uma matéria que se encontra no mesmo estado de outras matérias, dela se percebe este indivíduo único. Analogamente, nenhum deles vem em primeiro lugar na mente imprimindo-se, disto se percebe esta noção única. Contudo, se um conceito chega primeiro na matéria ou na mente, o outro é inativo e não produz nenhum efeito: não acontece como com o calor, o qual, se ocorre a uma matéria na qual há umidade, ou enfrenta uma mente na qual chegou, previamente, a noção e o conceito de umidade, produz nesta um efeito diverso do que é produzido pela umidade.

Seria suficiente que tivesse compreendido o sentido do uno neste contexto. Isto é o que lhes tem feito errar.

### 3.3. Terceira causa de erro: concepção errônea da relação entre a natureza enquanto tal e sua unidade ou multiplicidade

A terceira causa é ter ignorado que a afirmação segundo a qual uma determinada coisa, enquanto tal, é outra coisa distinta desta por definição é uma afirmação contraditória, como é contraditória a resposta daquele a quem é feita a questão, se o homem, enquanto homem é uno ou múltiplice [A<sub>316</sub>], e responde erroneamente que é ou uno ou múltiplice. O homem, de fato, enquanto homem é somente homem, e, enquanto homem, não é nada mais que homem. A unidade e a multiplicidade, ao invés, são diferentes do homem. Temos explicado exhaustivamente também este ponto.

### 3.4. Quarta causa de erro: atribuição do caráter de eternidade não à natureza enquanto tal, mas à natureza considerada como una ou múltiplice.

A quarta causa é ter acreditado que dizer “A humanidade existe sempre e persiste” e dizer

“Uma humanidade única ou múltíplice existe sempre e persiste” é a mesma coisa. O que seria verdadeiro somente se “a humanidade” e “uma humanidade única ou múltíplice” fossem a mesma coisa. Analogamente, não devemos crer que, se conceder a eles que a humanidade persiste isto implica necessariamente que a humanidade, que é una per si, persiste, de modo tal a considerar uma humanidade eterna.

3.5. Quinta causa de erro: nem toda coisa imaterial é princípio de uma coisa material

A quinta causa é ter crido que, uma vez que as coisas materiais são causadas, a sua causa deve ser qualquer tipo de realidade que pode ser separada. Não é verdade, de fato, que, do momento que as coisas materiais são causadas e seus entes matemáticos são separados, estes últimos devem necessariamente ser a causa. Por vezes, ao contrário, a causa das coisas materiais são outras substâncias não pertencentes às nove categorias acidentais.

Estes não tem verificado com profundidade que as definições dos entes geométricos, entre os matemáticos, não são absolutamente privadas de matéria, embora são privadas de um certo tipo de matéria.

### 3.6. Conclusão

Para a verificação de coisas como estas parece ser suficiente os princípios fundamentais que temos estabelecido anteriormente. Dedicamos agora a refutar os que defendem os entes matemáticos.

## **III. Capítulo referente à refutação do que tem sido dito pelos filósofos antigos no que diz respeito aos entes matemáticos e sobre as ideias**

1. Os entes matemáticos não estão separados das coisas sensíveis

Dizemos que, se, entre os entes matemáticos houvessem alguns separados dos entes matemáticos sensíveis, das duas coisas uma: ou [(a)] na coisa sensível não haveria absolutamente nenhum ente matemático, ou [(b)] haveria um.

[(a)] Se na coisa sensível não houvesse nenhum ente matemático, seria necessário que nenhum quadrado existisse, ou círculo, ou coisa numerada sensível. Mas se nenhuma destas coisas fossem sensíveis, de que modo poderíamos provar sua existência, ou até mesmo imaginá-las? O princípio, de fato, que permite imaginá-las é retirado da existência sensível e, portanto, se supormos que alguém não percebesse sensorialmente nada disto, deveríamos considerar que ele não os imagina, ou melhor, não os pensa, embora temos demonstrado a existência de muitos deles nas coisas sensíveis.

[(b)] Se, ao contrário, a natureza dos entes matemáticos pudesse existir também nas coisas sensíveis, esta poderia, no entanto, ser considerada por si mesma. Que, por conseguinte, por si só, ou [(ba)] corresponderia por definição e conceito ao que é separado, ou [(bb)] seria distinta.

[(bb)] Se não fosse distinta, os entes matemáticos inteligíveis seriam diversos do que imaginamos e conhecemos. Para estabelecer sua existência, então, precisaríamos de uma prova de outro tipo, e somente em seguida poderíamos nos ocupar do questionamento sobre o estado de sua separação. O que eles fizeram, então, foi ignorar a prova de sua existência e ocupar-se prioritariamente do esclarecimento de sua separação, o que é algo que não se pode confiar.

[(ba)] Se, ao contrário, a natureza dos entes matemáticos correspondesse ao que é separado e participasse por definição, das duas coisas uma: ou [(baa)] estes entes matemáticos que se encontram nas coisas sensíveis seriam colocado neles somente a causa de sua natureza e de sua definição, neste caso, como poderiam separar-se do que tem sua própria definição? Ou [(bab)] sua existência nas coisas sensíveis seria um estado que lhes acontece por uma causa,

caso em que este seria receptivo daquele estado e a sua definição não excluiria que este estado lhes possa relatar. Estes entes matemáticos separados, portanto, seriam tais a tornarem-se materiais, e estas coisas materiais seriam tais a serem separadas. Mas isto contradiz o que os filósofos acima mencionados postularam e sobre o que estabeleceram a base de suas opiniões.

## **2. Os entes separados são inúteis e menos perfeitos do que as coisas materiais**

Também porque esta matéria dotada de acidentes ou [(a)] tem necessidade dos entes separados, ou [(b)] não os necessita.

[(a)] Se há a necessidade dos entes separados, e [(a)] há a necessidade dos entes separados diversos desta, a causa de sua natureza, também os entes separados, vai precisar de outra coisa e assim até o infinito. [(abb)] Se, no entanto, esta matéria precisa dos entes separados somente por causa de algo que lhe acontece - de modo tal que, se este acidente não existisse, esta não teria absolutamente necessidade dos entes separados e não seria, em absoluto, necessário que estes últimos existissem - em tal caso, o acidente de qualquer coisa irá exigir a existência de uma realidade que é anterior a esta coisa e independente dela, garantirá que os entes separados tenham necessidade da matéria, de modo que sua existência seja necessária. [(abc)] Se a situação não é esta, mas a existência dos entes separados implica que a matéria exista com o acidente em questão, em tal caso, a existência dos entes separados não produzirá o acidente em questão em uma outra matéria sem produzi-lo também na matéria-prima, sendo a natureza das duas matérias a mesma.

[(b)] Se a matéria não precisa dos entes separados, estes últimos não serão nem causas nem primeiros princípios da matéria, de qualquer modo. Do que segue necessariamente que estes entes separados são imperfeitos: uma certa coisa conjunta à matéria, de fato, tem potência e ação que não se encontram no que é separado. Quão grande é a diferença entre a figura humana simples e a figura humana vivente e operante!

### 3. Duas congruências da doutrina dos entes geométricos como princípios

#### 3.1. A linha não é separada da superfície e o ponto não é separado da linha

É surpreendente que eles consideram que a linha exista separada da superfície e que o ponto exista separado da linha. Que coisa não unirá estas coisas no corpo natural? Será talvez a natureza de um deles a fazer o que é necessário? Mas em tal caso, esta deveria uni-las do mesmo modo, mesmo que elas fossem separadas. Ou será uma outra potência, por exemplo, uma alma, uma inteligência, o Criador?

#### 3.2. A linha não é a causa do sólido

A linha, também, como poderá preceder o corpo inteiro segundo uma anterioridade causal, não lhe sendo a forma? A linha, de fato, não é a forma da corporeidade, nem o agente do corpo, nem o final desta. Mas, se este for o caso, e não pode ser de outra maneira, caso em que o corpo perfeito e completo na dimensão é o fim da linha e das outras coisas. A linha não é nem mesmo a *hyle* do corpo. Antes, é algo que pertence ao corpo pelo fato de que este último é limitado e vem seccionado.

### 4. Várias incongruências da doutrina dos números separados

#### 4.1. O número separado não é suficiente para explicar a diferença entre as coisas

É necessário, também, que os defensores [A<sub>319</sub>] dos números considerem que a distinção entre as coisas se deva ao seu ser mais ou menos grande numericamente. Assim, a diferença entre o homem e o cavalo consiste no fato de que um destes é maior numericamente enquanto o outro é menor. Mas o que é menor existe no que é maior. Um destes, então, se encontra no outro.

4.2. As unidades das quais o número separado é constituído não podem ser nem iguais umas às outras nem diferentes umas das outras

Entre eles há alguns que consideram que as unidades são iguais entre si. Mas, em tal caso, para que um número maior difira de um número menor, teria uma parte deste último.

Entre eles há também aqueles que acreditam que as unidades não são iguais. Mas se são diferentes na definição, não são unidades se não for por homonímia. Se, ao contrário, não diferem na definição, mas concordam nisto, alguns excedem enquanto outros carecem, o excesso do excedente se deve a algo presente neste em potência, como no caso das extensões; mas em tal caso, a unidade seria uma abstenção, não o principio desta. Ou o excesso deste excedente se deve a qualquer coisa presente neste em ato, como no caso dos números; mas em tal caso, a unidade seria uma multiplicidade.

#### 4.3. Crítica dos adeptos do número numérico

##### 4.3.1. O número numérico não pode ser nem finito nem infinito

Os adeptos dos números numéricos, que não compõem as formas das coisas naturais, são forçados a fazer uma das duas coisas: ou a acreditar que o número separado e existente por si tenha uma duração, mas, nesse caso, seu fim em um certo limite, em vez de outro, é devido a um raciocínio arbitrário e inconsequente; ou a acreditar que ele é infinito, mas em tal caso devem acreditar que também as formas das coisas naturais são infinitas.

##### 4.3.2. Cada um dos números numéricos não pode ser diferente uns dos outros

Eles acreditam que a primeira unidade seja diversa de cada uma das duas unidades presentes na díade, e que a primeira díade seja diversa e anterior à díade que se encontra na

tríade, e assim por diante, no que diz respeito aos números posteriores à tríade.

Mas isto é impossível. A primeira díade e a díade que se encontra na tríade, de fato, não diferem por si, mas por causa de um acidente, o que é a causa do fato que à segunda díade se junta uma outra coisa. Mas quando uma coisa está junta a uma outra, não pode anular a mesma coisa à qual é conjunta. Se fosse assim, não seria conjunta a esta, porque o que é conjunto o é em relação a algo existente, enquanto que o que destrói algo não é conjunto a qualquer coisa existente. De que modo, então, a unidade da tríade destruirá as duas unidades da díade, [A<sub>320</sub>] se não destruí-las uma a uma? Mas de que modo uma unidade poderá destruir uma outra? Se fizesse, não haveria nenhuma díade.

A díade na qual a unidade é junta não torna-se distinta por si da díade que existe sem que lhe seja conjunta a unidade. A unidade, de fato, quando se junta a algo não lhe muda o estado, mas o faz em um conjunto maior, deixando a outra parte, do todo, no estado no qual já estava. Em geral, quando as unidades possuem a mesma forma e a mesma composição, as duas naturezas concordam, a menos que não chegue algo que faz mudar e destrói uma delas. Mas é impossível que as unidades não possuam a mesma forma, porque o número tem origem em unidades que possuem a mesma forma e não em outra.

Todavia, um grupo deles afirma que à díade enquanto díade espera uma unidade diversa da presente na tríade. Consequentemente a unidade da díade é diversa da unidade da tríade. Disto segue que necessariamente a década não seria composta de dois grupos de cinco enquanto grupos de cinco, sendo a unidade do dez diferente das unidades do grupo de cinco. A década, portanto, não é composta de dois grupos de cinco. Do que segue necessariamente que a unidade de um grupo de cinco, quando esta é parte do dez, é diversa da unidade do grupo de cinco quando esta é parte do quinze (mas talvez eles dissessem que o grupo de cinco que está no quinze é diverso do grupo de cinco que está na simples década porque este é o grupo de cinco de uma década que é parte do quinze). Do que segue necessariamente ou que a década, quando o grupo de cinco vem admitido nesta, não se tornaria o número quinze, ou que a sua unidade se transformaria. Mas tudo isto é impossível.



Também, se o grupo de cinco que é parte do dez não fosse igual ao grupo de cinco absoluto, não haveria a pêntada, se não, por homônimos e deveríamos tentar discernir a noção de pêntada presente nesta, independentemente da homonímia acima mencionada. Se, ao contrário, fosse igual a esta, [A<sub>321</sub>] em tal caso as unidades presente em ambos os grupos de cinco mencionados acima, nas díades e nas tríades, seriam iguais entre si e a forma da tríade existiria também na tétrade. Mas, segundo estes filósofos, a tríade é a forma de determinada espécie natural, como a tétrade o é de uma outra. Em algumas espécies naturais, então, existem tipos de outras coisas diferentes delas. Se determinado número é a forma do homem, por exemplo, e um outro número, maior ou menor do que este, é a forma do cavalo, no caso em que o segundo número seja maior do que o primeiro, a espécie do homem existiria no cavalo, no caso, ao contrário, no qual seja menor, a espécie do cavalo existiria no homem. Do que segue, necessariamente, que a forma de algumas espécies são anteriores à forma de outras e vice-versa, do momento que a forma das espécies posteriores é mais composta no que diz respeito à forma das espécies anteriores. Do que segue necessariamente, também, que a composição das espécies naturais a partir de outras espécies continuaria até o infinito.

Também, como será possível que um número que possui uma ordem essencial a partir da mônada e da díade prossegue em ato até o infinito? A impossibilidade disto já está clarificada.

#### 4.4. Crítica dos adeptos da geração do número por repetição

Em relação àqueles que geram o número por repetição mantendo a mesma unidade, neste caso a repetição não significa, se não, a ação com o que se faz existir uma outra coisa, numericamente diversa da primeira coisa. Se o produto da repetição é o número, e se a unidade não está presente na primeira coisa nem na segunda, em tal caso, a unidade não é o princípio da composição do número. Se, ao contrário, a primeira coisa enquanto tal, é uma unidade e também a segunda coisa enquanto tal é uma unidade, neste caso há duas unidades.

A unidade, de fato, não se repete se não, porque tem lugar uma vez após outra, ou [(a)]

no tempo ou [(b)] por essência. [(aa)] Se isto acontece no tempo, e enquanto isto a unidade não para de existir, esta é como era, sem ter sido repetida; [(ab)] Se, ao contrário, ao mesmo tempo ela deixa de existir e depois vem relatada na existência, em tal caso, a unidade existente é uma unidade individual diferente da primeira. [(b)] Se isto acontece por essência, isto é ainda mais claro.

Um grupo de filósofos sustenta que a unidade é como a matéria do número, enquanto um outro grupo tem defendido que é como a forma deste, uma vez que se diz de tudo.

#### 4.5. Crítica à doutrina pitagórica segunda a qual as unidades são os princípios das grandezas geométricas

É surpreendente que os pitagóricos tenham defendido que as unidades indivisíveis são os princípios das extensões, sabendo que as extensões são divisíveis até o infinito. [A<sub>322</sub>]

#### 4.6. Crítica contra os que colocam a unidade, a díade, a tríade e a tétrade como princípios das grandezas geométricas

Um grupo de filósofos tem dito que quando a unidade se une à matéria torna-se um ponto e, analogamente, quando a díade se une à matéria, produz uma linha, a tríade, uma superfície e a tétrade um sólido.

Mas, das duas coisas uma: ou [(a)] a sua matéria é comum a todos, ou [(b)] qualquer uma delas tem uma matéria diferente. [(a)] Se possuem uma matéria única, esta às vezes se tornará um ponto, depois se transformará em um sólido, depois, de novo, em um ponto. Mas o que, além de ser impossível, implica que o ponto não é princípio do sólido mais do que o sólido não é princípio do ponto, e que ambos são coisas que se sucedem em um mesmo objeto. [(b)] Se, ao contrário, suas matérias são diferentes, na matéria da díade não existirá nenhuma unidade; nesta, então, não se encontrarão nem mesmo duas unidades; nesta, portanto não

existirá nenhuma díade. Do que segue necessariamente, também, que estas coisas não se encontram juntas de nenhum modo. Contudo, de acordo com o método de verificação, o ponto não existe a não ser na linha, a qual se encontra na superfície, a qual se encontra no sólido, o qual se encontra na matéria. O ponto não é princípio se não no sentido de ser o fim do sólido; na verdade, ao contrário, é o sólido que é princípio, no sentido de ser o que é receptivo da delimitação produzida a partir do ponto.

#### 4.7. Crítica aos defensores do excesso e do defeito como princípios

É surpreendente que alguns sustentam que os princípios são o excesso e o defeito, e que o princípio último seja a relação. A relação, de fato, é qualquer coisa que é intrínseca acidentalmente a uma outra coisa existente, e é posterior a cada outra coisa.

#### 4.8. Crítica à derivação da multiplicidade da unidade

Ainda, como podemos considerar que haja a multiplicidade na existência? A segunda unidade que existe na multiplicidade, de fato, é anexa à primeira, se esta última existe por si. Mas, em tal caso, graças ao que uma será distinta da outra, do momento que existe necessariamente por si, se multiplica ou se distingue de qualquer outra coisa só em virtude da substância e não em virtude do número? Se a multiplicidade vem produzida da divisão da unidade, em tal caso, a unidade não é mais do que uma extensão. Se, ao contrário, é produzida por outra causa, neste caso há uma causa que faz existir a multiplicidade na sua natureza, e não permanece entre as coisas que existem por si, nem entre os princípios que existem sem causa. [A<sub>323</sub>]

#### 4.9. Crítica aos que conectam a unidade, a multiplicidade e a matéria com o bem e o mal

Também, como podem sustentar que a unidade e a multiplicidade são contrárias e como podem dividi-las em bem e em mal? Alguns destes são inclinados a defender que o número pertence ao bem por causa da mistura, da composição e da ordem que este possui; outros, ao contrário, são inclinados a defender que a unidade pertença ao bem. Mas se a unidade pertence ao bem e a multiplicidade ao mal, como será possível que de um bem se gere o mal, e como será possível que o aumento do bem se torne um mal? Se, ao contrário, a multiplicidade é um bem e a unidade um mal, como será possível ter um bem do aumento do mal e como será possível que o que é primeiro e é princípio seja um mal, de modo tal que o que é mais perfeito seja causado e o que é mais imperfeito seja a causa?

Alguns destes defendem que o número e a unidade pertencem ao âmbito do bem, e que o mal é a *hyle*. Mas [(a)] se a *hyle* é causada, esta tem uma causa que se baseia [(aa)] ou sobre uma *hyle*, ou [(ab)] sobre uma forma. [(aa)] Se esta se baseia sobre uma *hyle*, isto se opõe ao objetivo da discussão. [(ab)] Se, ao contrário, está baseada sobre uma forma, como será possível que o bem gere um mal? [(b)] Se, ao contrário, a *hyle* não é causada, esta é necessária por si. Portanto, ou [(ba)] admite estar dividida, ou [(bb)] é isenta desta possibilidade. [(ba)] Se admite estar dividida por si, é uma extensão composta de várias unidades, segundo eles pensam, e também pertence ao bem. Se, ao contrário, não é divisível por si, é unitária por si. Agora, a unidade enquanto unidade é um bem. Segundo eles, de fato, o bem não significa, se não, o fato de ser uma unidade e a ordem numérica, e a unidade, segundo eles, é um bem mais do que o é a ordem numérica. Se achassem que o fato de que a unidade seja uma unidade é diferente do fato de que esta seja um bem, todos os seus princípios seriam subvertidos. Mas se sustentam que a unidade seja boa, do que segue necessariamente que a *hyle*, sendo unitária, é boa. Também, se a unidade da *hyle*, por ser boa, fosse qualquer coisa que lhe aferisse do exterior, poderia abstrair a coisa para qual a unidade afere e repetir este mesmo questionamento.

#### 4.10. Crítica aos que defendem os números como princípios das coisas sensíveis

Também, como será possível que dos números se gere o calor e o frio, o peso e a leveza, de modo que haja um número que faz com que algo se mova para cima, e um outro número que faz com que algo se mova para baixo? Não é necessário se encarregar de provar a inconsistência desta afirmação. [A<sub>324</sub>]

Um grupo assim, todavia, sustém que as coisas se gerem a partir de um número que corresponde a uma qualidade e existe junto desta. Os princípios, então, não seriam os números unicamente, mas os números, as qualidades e outras coisas, embora que, segundo eles, seja impossível.

### **5. O bem se encontra também entre os entes matemáticos**

Saiba, após tudo isto, que os entes matemáticos não se separam da bondade. O motivo é que estes, por si, possuem uma grande quantidade de medida, ordem e harmonia. Cada um destes se encontra no estado que é necessário que tenha, e isto é o bem de cada coisa. [A<sub>325</sub>]